

17. Setembro. 1962 - 2ª Feira

Não há mesmo quem esteja plenamente satisfeito com sua profissão.

Todos, todos nós invejamos o nosso companheiro ou o nosso amigo, pela vida que leva, pela profissão que abraçou ou pelo serviço que exerce...

E, na verdade, sentimos essa insatisfação e essa inveja pelo serviço alheio, porque desconhecemos as suas dificuldades, porque ignoramos o que se convencionou denominar "ossos do ofício"...

E toda profissão, todo serviço, por melhor que seja, tem sempre os seus "ossos do ofício"...

É, enfim, a eterna insatisfação do homem, a velha e interminável história de que "a galinha do vizinho é sempre mai gorda" ...

Ontem, por exemplo, estava uma tarde bonita.

Era um desses domingos quentes, em que as piscinas convidam para um mergulho, em que os campos são procurados, ou que, então, no aconchego do lar a família se reúne para um agradável passar de horas...

Era um desses dias em que se fica satisfeito com a vida, que o otimismo de nós se apossa, fazendo com que se imagine que no dia de amanhã, tudo será facilmente resolvido, e, o que é melhor, de maneira favorável a nós...

Ontem, naquele sol quente e gostoso, todos nós nos transformamos no herói da véspera, aquele que se sente fortalecido por qualquer coisa e promete no dia seguinte revolucionar o mundo com suas idéias e os seus planos...

E estávamos, acreditamos que não somente nós mas muita gente mais, embevecidos com os nossos próprios pensamentos, quando resolvemos de sair à rua Paraná...

Era a hora em que terminavam as Matinés...

A gurizada rindo e contente saía comentando alguma proeza do "mocinho", sempre levando vantagem sobre o bandido...

Pela nossa frente, todavia, uma cena nos chocou.

Era uma cena comum, uma cena triste mas comum, e que talvez somente nos tenha chocado em virtude do pensamento cor-de-rosa que dominava a nossa mente...

Uma pobre mulher, vestida em farrapos vasculhava um desses coletores de lixo à procura de algo...

E mexia que mexia, que finalmente acabou encontrando